

OFICINAS COLABORATIVAS: DESENVOLVIMENTO DE UMA ESTRATÉGIA DE ENSINO E PESQUISA EM PROJETOS ACESSÍVEIS ¹

*Angelina Dias Leão Costa
Gleice Azambuja Elali*

Resumo

A abordagem interdisciplinar é uma estratégia fundamental ao ensino e pesquisa de questões ambientais ligadas à inclusão de pessoas com dificuldade de uso do espaço, como crianças, idosos, pessoas com deficiência, entre outros. Esse artigo relata uma experiência ocorrida na pós-graduação, que utilizou Oficinas Colaborativas para facilitar o reconhecimento das relações pessoa-ambiente, tomadas como base para a elaboração de propostas arquitetônicas. Discute-se como a perspectiva interdisciplinar influencia a inserção da problemática da acessibilidade no processo projetual, entendendo-se por acessível o local que, além de possibilitar o ir-e-vir, convida as pessoas a usufruírem dos espaços e de suas potencialidades. A atividade teve cunho experimental, atendeu aos preceitos da ética na pesquisa e envolveu profissionais de diversas formações. Explana-se a metodologia adotada, exemplificando-a com apresentação de duas Oficinas realizadas.

Palavras-chave: oficinas colaborativas, acessibilidade, processo projetual, relações pessoa-ambiente.

Abstract

The interdisciplinary approach is a fundamental strategy for teaching and researching environmental issues related to the inclusion of people with difficult space use, as (children, the elderly, people with disabilities, and others). This article reports an experience that occurred at the graduate level, which used Collaborative Workshops to facilitate the recognition of the person-environment relations, taken as basis for the elaboration of architectural proposals. We discuss how the interdisciplinary perspective influences the insertion of the problematic of accessibility in the design process, being understood as accessible the place that, in addition to enabling the coming and going, invites people to enjoy the spaces and their potentialities. The activity was experimental, met the precepts of research ethics and involved professionals from various backgrounds. Explanation of the adopted methodology, exemplifying it with presentation of two Workshop.

Keywords: collaborative workshops, accessibility, design process, person-environment relations.

Resumen

El enfoque interdisciplinario es una estrategia fundamental para la enseñanza e investigación de cuestiones medioambientales relacionadas con la inclusión de personas con dificultades para el uso del espacio, como niños, ancianos, personas con discapacidad, entre otros. Este artículo relata una experiencia ocurrida en el posgrado,

¹ Trabalho originalmente apresentado no V ENANPARQ, Salvador, 2018, ajustado e ampliado para publicação na revista *Thésis*.

que utilizó Talleres Colaborativos para facilitar el reconocimiento de las relaciones persona-ambiente, tomadas como base para la elaboración de propuestas arquitectónicas. Se discute como la perspectiva interdisciplinaria influye en la inserción de la problemática de la accesibilidad en el proceso proyectual, entendiéndose por accesible el local que, además de posibilitar el ir y venir, invita a las personas a usufructuar de los espacios e de sus potencialidades. La actividad tuvo un carácter experimental, atendió a los preceptos de la ética en la investigación e involucró a profesionales de diversas formaciones. Se explora la metodología adoptada, ejemplificándola con presentación de dois Talleres.

Palabras-clave: talleres colaborativos, accesibilidad, proceso proyectual, relaciones persona-ambiente.

CONTEXTUALIZAÇÃO E MÉTODO

No campo da acessibilidade ambiental, o trabalho colaborativo entre profissionais de diversas formações é essencial, pois promove compatibilização entre seus diversos saberes e fazeres. Sob esse ponto de vista, o bom desempenho de um projeto depende da(s) maneira(s) como ele reflete os ideais mantidos e/ou compartilhados pelo grupo que o gerou (LAWSON, 2011) e responde aos anseios e necessidades de seus usuários (VOORDT, WEGEN, 2013).

Complementando tal argumentação, Duarte (2015) salienta a necessidade de haver “empatia espacial” entre pessoas e lugares, de modo que os ambientes possibilitem o alargamento do ‘Eu’ para além do corpo, o que pode atuar no sentido de ampliar o auto-reconhecimento individual. Ou seja, para elaborarem projetos que promovam espaços empáticos aos usuários, os projetistas precisam ‘colocar-se no lugar do outro’ e compreender seus anseios.

Partindo desse entendimento geral, em 2017 foi estruturado um experimento em curso de pós-graduação na área da Arquitetura e Urbanismo visando a elaboração de projetos colaborativos que ampliassem a acessibilidade do ambiente construído. A atividade envolveu 18 pós-graduandos, sendo: 1 administrador, 1 advogado, 1 gestor público, 1 terapeuta ocupacional, 2 designers industriais, 2 psicólogos e 13 arquitetos-urbanistas (dos quais 3 possuem dupla formação).

Para criar uma linguagem comum à turma, inicialmente aconteceram aulas versando sobre temas ligados ao campo das relações pessoa-ambiente, com destaque para: comportamento socioespacial humano, apropriação do espaço, estresse ambiental, percepção e cognição ambientais. Em um segundo momento os estudantes foram subdivididos em 04 grupos, cada um dos quais teve 04 horas para realizar uma Oficina visando a elaboração de uma proposta projetual colaborativa (estudo preliminar) a ser confeccionada pelos colegas durante o tempo de aula. Assim, a cada semana um grupo assumiu a liderança e coordenação da turma, enquanto os demais participavam das atividades propostas e aos professores era reservado o papel de observadores/mediadores. As Oficinas focalizaram como público alvo das ações: Crianças, Idosos, Pessoas com deficiência e Jovens sob stress.

A METODOLOGIA, SINTETIZADA NA FIGURA 1, CONTEMPLA TRÊS FASES:

- Pré-projetual: correspondeu ao estudo bibliográfico sobre o tema, escolha do ambiente a intervir, visita/vivência do local pelo grupo responsável.
- Projetual: envolveu a atividade propositiva com estrutura livre que contivesse parte teórica, dinâmica de sensibilização, prática projetual colaborativa e apresentação das propostas coletivamente.



Figura 1: Esquema metodológico.
Fonte: Elaboração própria.

- Pós-projetual: abrangeu discussão da atividade com a turma, elaboração e apresentação de Diagrama-síntese da experiência.

As quatro oficinas foram significativamente diversas entre si. De modo geral elas indicaram claramente a importância do reconhecimento aprofundado do público alvo como base para a elaboração das propostas, além de indicarem as múltiplas formas como a discussão interdisciplinar pode contribuir para a atividade. Para ilustrar o trabalho realizado este artigo apresenta a atividade de Oficina realizada por dois grupos: “Crianças” e “Pessoas com deficiência”.

A OFICINA “CRIANÇAS”

Sinteticamente a oficina ‘crianças’ pode ser caracterizada por:

- a. Promover o debate do tema ‘ambiente e desenvolvimento infantil’, seguido por vídeo. A atividade ressaltou a importância do brincar, das *affordances* proporcionadas pelo meio e do contato com a

natureza para: restauração da atividade cognitiva; conhecimento sobre a ecologia dos lugares; desenvolvimento de afetos, atitudes e comportamentos pró-ambientais (DEPEAU, 2017; LUZ, KUHNEN, 2013; MACHADO et al., 2016). Assim, crianças que convivem cotidianamente com a natureza têm maior autonomia no uso do espaço e são mais ativas em suas interações com ele.

- b. Tomar como área de intervenção uma praça localizada em bairro residencial (Figuras 3 e 4), constituindo área arborizada defendida pela população local.
- c. Determinar como atividade propositiva (Figura 2): apresentação do local a intervir; dinâmica de sensibilização; jogo de memória; desenvolvimento de proposta; apresentações.
- d. Integrar as propostas desenvolvidas ao *habitat* natural (Figura 5), com destaque para: manutenção de espaços livres; respeito à vegetação pré-existente; criação de brinquedos diferenciados e

caminhos seguros para articular diferentes espaços; delimitação de zonas para diferentes atividades (não segregadas entre si), a fim de permitir brincadeiras turbulentas, construtivas e faz-de-conta. Nas propostas foram trabalhados diferentes escalas e níveis de detalhamento, envolvendo desde brinquedos/mobiliário até elementos de macrozoneamento.

e. Envolver a turma em um forte debate sobre a “real necessidade” de intervir em espaços “naturais”,

sendo consenso que, sua urbanização é fundamental para garantir acessibilidade, mas que deve ser cuidadosa a fim de proporcionar docilidade ambiental ao conjunto mas sem descaracterizar sua ambiência original.

f. Resumir a atividade do grupo por meio de um diagrama que assumiu a forma de jogo (Figura 6), valorizando a sistemática de escolha dos elementos trabalhados e os diferentes modos de participação dos estudantes.

IMAGEM	DESCRIÇÃO
	Meditação guiada objetivando “despertar a criança dentro de cada um dos participantes”.
	Brincadeira com o jogo de memória criado pelo grupo para conhecer melhor os usuários alvo do projeto. (Com direito a pipoca!)
	Discussão projetual, com auxílio de smartphone
	Resultado em planta: croqui com macrozoneamento do terreno proposto por um grupo.

Figura 2: Atividades da Oficina. Fonte: Elaboração própria. Imagens cedidas pelos participantes. Figuras 3 e 4: Fotografias da área de intervenção. Fonte: Medeiros et al, 2017.



12

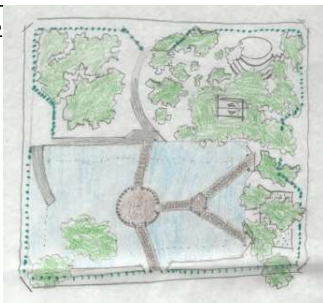


Figura 5: Exemplo de proposta desenvolvida pelos grupos. Fonte: Medeiros et al, 2017.

Figura 6: Diagrama-síntese. Fonte: Medeiros et al, 2017.

A OFICINA “PESSOAS COM DEFICIÊNCIA”

Por sua vez, a oficina ‘pessoas com deficiência’ caracterizou-se por:

- a. Promover vivência simulada de “pessoas com deficiência” com os presentes, seguida por dinâmica de sensibilização e debate do tema. Além de propiciar aos participantes a oportunidade de “se colocar no lugar de um ...” (cadeirante, cego, ...) a atividade ressaltou a segregação na vida cotidiana e o fato de, diante dos muitos tipos de segregação propiciado pela sociedade atual, pessoas comuns também se sentirem alvo de discriminação em função de suas características (como gênero, grupos social, etnia, nível de educação, poder financeiro, entre outros).
- b. Tomar como tema de intervenção o acesso à praia de Ponta Negra (zona sul de Natal) por cadeirantes (Figura 7), o que significou pensar o percurso entre o calçadão e o mar, constituído por faixa de área e desnível aproximado de 1,5 m.
- c. Determinar como atividade propositiva: apresentação do local a intervir (Figura 8); dinâmica de sensibilização; discussão do problema a ser enfrentado, desenvolvimento de proposta; apresentações.
- d. Valorizar a integração das propostas desenvolvidas ao local em questão (Figura 9), com destaque para: manutenção de rotas

de fuga; definição de caminhos seguros entre o calçadão e o mar; garantir a reversibilidade de qualquer intervenção, de modo a não subdividir por longos períodos a faixa de areia. Também nessa situação as propostas foram trabalhadas e, diferentes escalas e níveis de detalhamento, havendo maior preocupação com questões técnicas ligadas ao modo de executar a proposta.

- e. Envolver a turma em debate sobre a “importância de promover o acesso de todos à praia, sem que isso signifique compartimentalizar a área de areia”.
- f. Resumir a atividade do grupo por meio de um diagrama (Figura 10), que valorizou os diferentes modos de participação dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como aspectos advindos da atividade colaborativa multidisciplinar as Oficinas mostraram que:

- a. O desenvolvimento de linguagem comum é fundamental para as atividades que se seguem, atuando como facilitadora das atividades.
- b. A liberdade dada aos grupos para criação/desenvolvimento das Oficinas, inicialmente gerou dúvidas/insegurança, mas depois mostrou-se condizente com o desenvolvimento de atividades mais criativas,

pois, embora uma abordagem tradicional pudesse ter facilitado o planejamento do trabalho, também poderia ter reduzido a riqueza do processo vivenciado.

- c. Os participantes desenvolveram bom aproveitamento dos conteúdos teóricos na atividade projetual e se entusiasmaram com as atividades propostas em função de sua diversidade e dos novos desafios a cada semana.
- d. A presença de participantes com formações distintas influenciaram as propostas, acrescentando mais diversidade à seleção de conteúdos e modalidades de trabalho.
- e. A grande quantidade de arquitetos-urbanistas e sua experiência pessoal/profissional influenciou o produto solicitado aos grupos, quanto à escala trabalhada e modo de tornar espaços sensíveis aos usuários,
- f. Nas atividades presenciais e virtuais, a dinâmica de trabalho dos grupos envolveu as tecnologias presentes no seu dia-a-dia, como *e-mail* e *whats-app*.

- g. Nos grupos a liderança foi compartilhada e, independentemente de sua formação, todos opinaram na intervenção, incitando a “competência” e o “compartilhar” como qualificadores do processo projetual colaborativo (COSTA, 2018), e indicando que respeito e liberdade são fundamentais à construção coletiva.

É importante ressaltar que os bons resultados obtidos indicam a pertinência de repetir-se o experimento acadêmico a fim de observar o tipo de resposta advindas de novas turmas e temas; em novas iniciativas, no entanto, o “tempo” para desenvolvimento do produto pode ser ampliado a fim de incluir uma etapa para os grupos revisarem/melhorarem as propostas.

Também é essencial destacar que a pós-graduação é um *locus* especialmente adequado ao desenvolvimento desse tipo de experimento, uma vez que há maior probabilidade de se obter a participação de estudantes com formações distintas (arquitetos, engenheiros, gestores, psicólogos, designers, educadores, entre



Figuras 7 e 8: Fotografias da área de intervenção. Fonte: DE SOUZA et al, 2017.

Figura 9: Croquis com proposta desenvolvida pelo grupo. Fonte: DE SOUZA et al, 2017.

Figura 10: Diagrama-síntese. Fonte: DE SOUZA, A. et al, 2017.



outros), o que possibilita o desenvolvimento do almejado olhar multidisciplinar com relação a temas necessariamente transdisciplinares (ELALI, PELUSO, 2008; GUNTHER, ELALI, PINHEIRO, 2011).

Além disso, no tocante à acessibilidade ambiental, mostra-se essencial difundir um conceito ampliado nesse campo (voltado para a acessibilidade integral e inclusão), entendendo-se como acessível o local que, além de possibilitar o ir-e-vir, convida as pessoas a usufruírem plenamente das potencialidades dos espaços disponíveis. Sob essa perspectiva, as informações a respeito das necessidades e aspirações dos usuários

finais precisam ser captadas e divulgadas de uma maneira que envolva sensível, afetiva e tecnicamente os projetistas e os demais profissionais interessados na temática, encorajando-os e capacitando-os a compreender e a respeitar a diversidade naturalmente existente em nossa sociedade.

Estes últimos pontos foram especialmente destacados no debate durante a sessão do V ENANPARQ (ocorrido em Salvador, 2018), numa clara referencia ao papel da pós-graduação como foco e fontes de debates e de inovação, com reflexo tanto na formação acadêmica continuada quanto na prática profissional na área de Arquitetura e Urbanismo.

REFERENCIAS

- COSTA, A., Experiências acadêmicas de projeto colaborativo e acessibilidade na pós-graduação: a opinião dos profissionais. **Revista Projetar – Projeto e Percepção do Ambiente**, v.3 (1), 2018. Disponível em: <http://www.revistaprojetar.ct.ufrn.br/index.php/revprojetar/issue/view/10/showToc>.
- DEPEAU, S. Children in cities: the delicate issue of well-being and quality of urban life. In: BAHÍ-FLEURY, G.; NAVARRO-CARRASCAL, O.; POL, E. (Orgs.). *Handbook of environmental psychology and Quality of Life research* (Chap 19). Springer, 2017, pp. 345 - 368.
- DUARTE, C. R. S., A empatia espacial e sua implicação nas ambiências urbanas. **Revista Projetar – Projeto e Percepção do Ambiente**, v.1 (1), 2015, p. 68-74.
- ELALI, G. A.; PELUSO, M. . Interdisciplinaridade. In: Sylvia CAVALCANTE; Gleice Azambuja ELALI. (Org.). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 227-238.
- GÜNTHER, H ; ELALI, G. A. ; PINHEIRO, J. Q. . *A abordagem multimétodos em Estudos Pessoa-Ambiente: características, definições e implicações*. In: J. Q. PINHEIRO.; H. GÜNTHER. (Org.). **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008, p. 369-380.
- LAWSON. B. **Como arquitetos e designers pensam**. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.
- LUZ, G. M.; KUHNEN, A. O uso dos espaços urbanos pelas crianças: explorando o comportamento do brincar em praças públicas. **Psicologia Reflexão e Crítica** [online]. 2013, v. 26 (3), pp.552-560.
- MACHADO, Y. S., PERES, P. M. S., ALBUQUERQUE, D. S., KUHNEN, A. Nature and Children's Play: Investigation of Child-Nature Interaction in Urban Green Parks. **Trends in Psychology / Temas em Psicologia**, v. 24 (2), 2016, 669-680.
- MEDEIROS, C. et al. Relatório da Oficina **Espaços Sensíveis para Crianças**. Disciplina Relações Pessoa-Ambiente, PPGAU-UFRN, Natal, 2017.
- DE SOUZA, A. et al. Relatório da Oficina **A pessoa com deficiência e o espaço**. Disciplina Relações Pessoa-Ambiente, PPGAU-UFRN, Natal, 2017.
- VOORDT, T. J. M.; WEGEN, H. B. R. **Arquitetura sob o olhar do usuário**. São Paulo: Oficina de Textos, 2013.

ANGELINA DIAS LEÃO COSTA é doutora em Engenharia Civil; Pós-doutorado em Arquitetura e Urbanismo (UFRN), professora do DAU/UFPB e do PPGAU UFPB - angelinadlcosta@yahoo.com.br.

GLEICE AZAMBUJA ELALI é doutora em Arquitetura e Urbanismo, pós-doutora em Arquitetura (Universidade de Lisboa), professora do CAU, PPGAU e PPAPMA/UFRN - gleiceae@gmail.com.